

**REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA DO FLUXO MIGRATÓRIO DE  
GAÚCHOS DESCENDENTES DE POLONESES PARA O MUNICÍPIO DE PATO  
BRANCO – PARANÁ<sup>1</sup>**

***REPRESENTACIÓN CARTOGRÁFICA DE LOS FLUJOS MIGRATORIOS DE  
GAUCHOS DESCENDIENTES DE POLONESES PARA LA CIUDAD DE PATO  
BRANCO-PARANA***

*Michele Briskievcz*

Bolsista do PIBIC-Unioeste-Cnpq

E-mail: mixi.cheli@hotmail.com

*Suzana Gotardo de Meira*

Bolsista do PIBIC-Unioeste-PRPPG

E-mail: suzanagmeira@hotmail.com

**Resumo:** Apresentamos alguns resultados obtidos em pesquisas de iniciação científica realizadas no GETERR (Grupo de Estudos Territoriais) – Unioeste, Campus de Francisco Beltrão-PR. Através da revisão bibliográfica e seleção de dados, elaboramos a sistematização e espacialização de informações geográficas referentes ao fluxo migratório dos gaúchos descendentes de poloneses para o município de Pato Branco-PR, por meio da aplicação da cartografia temática digital, evidenciando os períodos de 1940 a 1970, época em que a ocupação na região foi intensa.

**Resumen:** Se presentan algunos resultados obtenidos en la investigación de iniciación científica realizada en el GETERR (Grupo de Estudios Territoriales) - Unioeste, Campus de Francisco Beltrão-PR. A través de revisión de la literatura y la selección de datos, hacemos una sistematización y espacialización de la información geográfica relativa a el flujo migratorio de gauchos descendientes de los poloneses de la ciudad de Pato Branco-PR, a través de la aplicación de cartografía temática digital, evidenciando los periodos de 1940 a 1970 en el que la ocupación en la región foi intensa.

**Palavras-chave:** migração; cartografia; Pato Branco.

**Palabras-clave:** migración; la cartografía; Pato Branco.

### **Apresentação**

Este texto apresenta parte dos resultados obtidos até o momento em pesquisas de iniciação científica, vinculadas ao Grupo de Estudos Territoriais (GETERR), que realiza pesquisas sobre os movimentos migratórios, territorialização, representações cartográficas dos dados levantados no Sudoeste do Paraná, dentre outros.

Sabe-se que ocorreu um intenso processo de migração gaúcha para o Sudoeste do Paraná, a partir dos anos 1940, embora há vários estudos referentes a esta época da colonização do Sudoeste, não há ênfase para a representação cartográfica dos fluxos migratórios, fundamentais para melhor compreensão e visualização do processo, portanto, nos propusemos a realizar o trabalho sobre esta temática.

---

<sup>1</sup> Eixo temático 8.

Os principais objetivos da pesquisa são levantar, sistematizar, desenvolver uma representação através de mapa temático, demonstrando fluxos migratórios para o município de Pato Branco, destacando as principais cidades de origem das famílias que vieram do Rio Grande do Sul e analisar o mapa elaborado.

Inicialmente fizemos um estudo teórico através das pesquisas e revisão bibliográfica sobre o conceito de migração, cartografia, o processo de colonização do Sudoeste com ênfase para o município de Pato Branco e temas afins. Também realizamos uma revisão bibliográfica sobre metodologias utilizadas pela cartografia temática digital e tratamento estatístico de dados para conhecer as técnicas adotadas na produção dos mapas temáticos. A revisão foi sistematizada na forma de fichamentos e a organização dos dados estatísticos em planilhas do Microsoft Excel.

O software utilizado para produção dos mapas é o Corel Draw 12.0 que facilita a formatação de cores, formas e atributos geográficos. Coletamos dados nos livros de registros dos casamentos na Paróquia São Pedro (Pato Branco, PR), para identificar os períodos com maiores fluxos e o local de origem desses migrantes.

É importante destacar que utilizamos como referências para o trabalho de campo as metodologias utilizadas por Wachowicz (1987) e Roche (1969). A técnica de Roche foi coletar todos os dados dos registros de casamento, dos cartórios do Rio Grande do Sul, extraíndo informações do local e Estado de nascimento dos conjugues. Ele optou por retirar as informações dos cartórios pelo fato de serem mais completos, abrangendo todas as religiões, assim foi possível obter informações sobre a procedência da população. Ruy Wachowicz utilizou a mesma técnica para estudar o Sudoeste do Paraná. Os dados obtidos foram retirados em períodos de dois anos, para que fossem diminuídas as maiores oscilações e para transformar os números obtidos em porcentagens.

Dessa forma, elaboramos o mapa temático, através do método dos fluxos, ou seja, de uma representação dinâmica que demonstrará o contingente migratório das cidades gaúchas: Erechim, Getúlio Vargas, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Campo Novo e Severiano de Almeida, que tiveram destaque na migração polonesa para Pato Branco.

## **Migração**

Para compreender o processo de migração dos descendentes de poloneses que vieram do Rio Grande do Sul, para o município de Pato Branco é preciso entender a migração como o resultado de um processo geral de mudanças econômicas, políticas e culturais. Nesse sentido, faremos alguns destaques sobre esse processo, buscando também ressaltar a importância da espacialização desses fluxos migratórios.

Segundo Singer (1987), as migrações internas são historicamente condicionadas, sendo resultado de um processo geral de mudanças econômicas do qual elas não devem ser separadas. A industrialização, além de consistir na mudança técnica da produção e da diversificação maior dos produtos, também consiste numa profunda alteração da divisão social do trabalho.

Uma vez iniciada a industrialização em uma cidade, tende a atrair pessoas de outras áreas. O crescimento da cidade a torna um mercado cada vez mais importante, fazendo com que venha a surgir uma grande variedade de novos serviços, além de contribuir na diversificação dos já existentes. A industrialização é um processo econômico central na formação das cidades e na diversificação de suas atividades, especialmente, de serviços.

Conforme Singer (1987), as migrações não parecem ser mais que um mecanismo de redistribuição espacial da população que se adapta ao rearranjo espacial das atividades econômicas. Os mecanismos de mercado que no capitalismo orientam os fluxos de investimentos para as cidades e ao mesmo tempo criam incentivos econômicos nas migrações do campo à cidade, não fariam mais que exprimir a racionalidade macroeconômica do progresso técnico que constituiria a essência da industrialização. Tal interpretação faria derivar o processo migratório da própria industrialização sem que as características institucionais e históricas da mesma tivessem qualquer papel na determinação daquele processo.

Em relação ao capitalismo e a migração, no século XIX, o desenvolvimento do mercado de capitais com base em sociedades anônimas foi um elemento importante para a redução do curso do capital para as empresas em expansão. Na medida em que aumenta a densidade de ocupação humana e econômica do espaço urbano, as autoridades públicas locais são solicitadas a inverter somas crescentes de recursos na ampliação dos serviços urbanos recorrendo a soluções cada vez mais caras.

É evidente que as empresas têm tendência a se instalarem em locais onde há maior urbanização. Esse processo ocorre devido ao tipo de vida que há nas cidades grandes, que oferecem vantagens para os que são donos dos meios de produção e tomam as decisões. A criação de desigualdades regionais pode ser compreendida como o *motor* principal das migrações internas que acompanham a industrialização. A população das áreas desfavorecidas sofre um empobrecimento relativo, sendo que muitos acabam migrando para outros lugares em busca de melhores condições de vida.

Conforme este autor, existem dois fatores que levam as pessoas a migrar: a) os fatores de *mudança*, decorrentes da introdução de relações de produção capitalista em algumas áreas, a qual acarreta a expropriação de camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo como objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a redução do nível de emprego; b) os fatores de *estagnação*, que se manifestam na forma de uma pressão populacional sobre a disponibilidade de áreas cultiváveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência de terra utilizável como pela monopolização de grande parte das mesmas por um pequeno grupo de proprietários.

Segundo Singer (1987), os fatores de *estagnação* resultam da incapacidade dos produtores que vivem em economias de subsistência de elevarem a produtividade da terra e melhorarem suas condições de vida. Já que os fatores de mudança provocam um fluxo grande de migração que tem como conseqüência reduzir o tamanho absoluto da população rural.

Ao mesmo tempo, a maioria das novas atividades produtivas acaba sendo localizada em algumas áreas urbanas e acaba desviando para estas os fluxos migratórios provocados pelos fatores de estagnação em áreas rurais. Para Singer (1987), os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, e os fatores de atração determinam a orientação destes fluxos e as áreas que são destinadas.

Porém, este processo é contraditório, ou seja, de um lado o migrante nem sempre possui as qualificações necessárias para se inserir no novo mercado de trabalho; por outro lado, a insuficiência de recursos impede a determinado número de migrantes de alcançar êxito na luta competitiva que se trata dentro do mercado urbano de trabalho.

O número de migrantes que contribui para expandir a oferta da força de trabalho depende dos fatores de expulsão, ou seja, os fatores de *mudança* criam uma espécie de desemprego por causa das inovações tecnológicas. Os fatores de *estagnação* produzem um fluxo de migração, sendo que o volume depende da taxa de crescimento vegetativo da população em economia de subsistência em confronto com a sua disponibilidade de terra.

Geralmente, as causas de desemprego acontecem principalmente por causa dos baixos salários, nas áreas urbanas de países não desenvolvidos, nos quais ocorrem intensas migrações do campo para a cidade. De acordo com Singer (1987), quando uma parte da população permanece em economia de subsistência, com a queda de mortalidade, o ritmo de crescimento vegetativo aumenta, os fatores de *estagnação* podem gerar um fluxo migratório considerável.

Nos países que possuem muitas terras cultiváveis, os fatores de *estagnação* podem gerar grandes fluxos migratórios. Já nos países onde não há mais terras disponíveis, os fatores de *estagnação* geram fluxos migratórios que se dirigem para as cidades. “As migrações que decorrem da industrialização atual dos países não desenvolvidos constituem um fenômeno historicamente condicionado, cujas manifestações concretas resultam das condições específicas em que se dá aquela industrialização.” (SINGER, 1987, p.48).

Os fatores de mudanças nas áreas rurais geram um grande fluxo de migração interna, porém os fluxos estão presentes mesmo quando não se tem o desenvolvimento, sendo que os países desenvolvidos, também têm problemáticas que se referem à integração dos migrantes na economia de mercado. A solução dos problemas não está na limitação do ritmo de desenvolvimento, com a finalidade de reduzir a intensidade das migrações internas, mas numa aceleração do ritmo. Neste sentido, a marginalidade urbana ocorre por causa da grande quantidade de migrantes nas cidades, que não conseguem trabalho, moradia etc.

A migração é um processo social cuja unidade principal não é o indivíduo, mas o grupo, sendo que os principais motivos da migração são os seguintes: procura de trabalho, estudos, para acompanhar a família, entre outros.

Para Paul Singer (1987), as causas quase sempre são econômicas. Em um determinado lugar, se a mecanização da agricultura reduz o envolvimento de mão-de-obra, os desempregados tendem a migrar para outras áreas, que lhes ofereçam outros meios de vida. Dessa forma, os primeiros a migrar são os desempregados, sendo seguidos, também, por camponeses, pelo fato de alguns proprietários não ter recursos necessários para acompanhar todas as mudanças técnicas impostas pela produção agropecuária moderna.

Mas nem todos os trabalhadores e proprietários migram, tudo depende dos motivos de cada pessoa, por que alguns desempregados permanecem à espera de outras oportunidades, mas ao mesmo tempo, migram também alguns que têm emprego, na esperança de encontrar oportunidades melhores, com salários maiores. A tendência é de que os jovens, alfabetizados e solteiros são mais induzidos a migrar. Quando uma classe social se põe em movimento, ela cria um fluxo migratório que pode ser de longa duração e que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino.

É aceitável que sucessivos movimentos migratórios sejam desencadeados, das cidades menores às maiores, até que a grande parte dos migrantes chegue nas áreas onde esteja acontecendo um desenvolvimento industrial mais intenso, cujos efeitos determinam um aumento da demanda de mão-de-obra que oferece aos migrantes oportunidades de integração na economia urbana. Paul Singer (1987), também ressalta que os migrantes nem sempre provêm do proletariado rural, muitos deles são de origem burguesa, sendo que a migração não faz com que eles percam sua condição de classe.

Os principais fatores de atração de migrantes para as cidades, geralmente são constituídos pelos laços sociais, que decorrem de uma situação de classe comum, entre os migrantes mais antigos e os mais recentes. Os migrantes mais antigos, ao conseguirem se instalar em algum emprego acabam influenciando na migração de outras pessoas conhecidas, parentes ou amigos. Os impactos sociais, econômicos e políticos da migração no lugar de destino, tendem a ser encarado como elementos do processo de transformação do espaço e da

sociedade, como acontece no município de Pato Branco, com os descendentes de poloneses, que ao migrarem introduziram marcas expressivas de sua cultura modificando as relações sociais do território.

### **Colonização do Sudoeste do Paraná**

Segundo Alves et al (2004), o Sudoeste e o Oeste do Paraná começaram a ser povoados efetivamente entre 1900 e 1920. O território do Sudoeste atraía os migrantes para suas atividades de coleta de erva-mate, corte de madeira e, principalmente, pela grande quantidade de terras não ocupadas. Os locais eram pouco conhecidos por ter poucas estradas que ligassem o Sudoeste a outros Estados, também houve vários conflitos jurídicos, políticos e sociais na região.

Conforme Lazier (1986), a CITLA (Clevelândia Industrial Territorial Ltda) foi uma empresa que se instalou na região em 1950, atuando de forma significativa no processo de colonização do Sudoeste, a partir da apropriação de cerca de 500.000 ha de terras. José Rupp, que ganhara na justiça a disputa com a CEFSPRG (Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande), em 1945, alguns anos depois, ou seja, em 1950, cedeu seus créditos para a CITLA, passando a ser titulada toda a Gleba Missões e também uma parte da Gleba de Chopin. Esse ato foi considerado imoral e ilegal, por isso, foi questionada pelo Tribunal de Contas e pelo Congresso Nacional, sendo que o Governo solicitou a anulação da transação. Mesmo estando na justiça, a partir de 1956, a situação tornou-se mais intensa. A CITLA e as Companhias comerciais percorriam a região e forçavam os posseiros a comprar-lhes as terras, como estes posseiros resistiram, as empresas passaram a usar outros métodos, contratando jagunços para fazer ameaças.

Quando os posseiros eram injustiçados pelos jagunços, iam à procura da polícia solicitando ajuda, mas a polícia encobria as denúncias e punia todos os posseiros que fossem reclamar, pelo fato do Governo do Estado ser um dos sócios da CITLA. Os posseiros se organizaram politicamente, invadiram a cidade de Francisco Beltrão, ocuparam instalações da CITLA, conseguindo efetivar um movimento de repercussão em nível nacional, denominado “Revolta dos Posseiros”, em outubro de 1957.

Em 1960, com a campanha eleitoral para Presidente da República, a comissão dos líderes da região foi até a capital federal para solicitar aos candidatos a legalização de suas terras no Sudoeste do Paraná. Assim, quando eleito o Presidente da República Jânio Quadros, desapropriou a área e a declarou de utilidade pública uma parte da Gleba Chopin e a Gleba Missões. Com a renúncia do Presidente, o Vice João Goulart criou o GETSOP (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná) com a intenção de executar os trabalhos para a efetivação da desapropriação.

Conforme Lazier (1986), além da regularização das terras, o GETSOP contribuiu em vários outros fatores, como no setor educacional, construindo várias escolas, marcando o direcionamento do Sudoeste do Paraná para a modernização capitalista.

Cabe ainda destacar que, a partir de 1940, o Governo de Getúlio Vargas incentivou a colonização do Sudoeste do Paraná com o projeto “Marcha para o Oeste”. Segundo Lazier (1986), o Sudoeste era pouco povoado até então. Para preencher o vazio demográfico que havia na região, o Governo criou a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), em 1943. Essa política esteve centrada em pequenas propriedades rurais com o objetivo de incentivar a ocupação e o povoamento das terras de fronteira. Isso

significa que esse processo teve um caráter geopolítico e outro econômico, através da produção de alimentos para o mercado interno.

Muitas famílias, a partir da criação da CANGO, vieram do Noroeste do Rio Grande do Sul, em virtude do fracionamento das propriedades rurais, esse fato forçou os colonos a procurar novas terras, deslocando-se para o Sudoeste, principalmente por causa da fertilidade das terras que eram comercializadas por preços muito baixos.

A CANGO realizou um trabalho de povoamento e colonização por meio da construção de estradas e pontes para a locomoção das pessoas e para a comercialização da produção; da instalação de uma serraria, da construção de um hospital, farmácia, escola etc.

A análise feita por Lazier (1986), mostra que em 1948 foram cadastrados 4.956 habitantes, sendo 4.849 brasileiros e 107 estrangeiros. Dos brasileiros, 1.940 eram naturais do Paraná, 1.813 do Rio Grande do Sul, 1.065 de Santa Catarina e 32 das outras regiões.

Wachowicz (1987), em seus estudos sobre a formação do Sudoeste do Paraná, observou o predomínio de gaúchos e catarinenses na colonização dessa região. Esse autor identificou duas fases principais na formação do Sudoeste do Paraná: a) o período paranaense no qual predominou a ocupação dos caboclos; b) e o período de migração gaúcha e catarinense.

O período paranaense ocorre entre 1900 até a década de 1950, com um pequeno fluxo de migrantes gaúchos e catarinenses. O período de migração gaúcha e catarinense acontece após o final da Segunda Guerra Mundial até o final da década de 1970. Observando os dados coletados por Wachowicz (1987), percebemos que a primeira fase de aumento da migração de gaúchos e catarinenses para o Sudoeste do Paraná ocorre entre 1942 e 1959. Já a segunda fase, na qual a migração foi bem mais intensa, ocorre entre 1960 e 1975. Nesse período, ou seja, entre 1900 e 1975 a migração catarinense e gaúcha predomina nos seguintes municípios: Dois Vizinhos, Enéas Marques, Francisco Beltrão, Pato Branco, Coronel Vivida, Chopinzinho, Nova Prata do Iguaçu, Salto do Lontra, Capanema, Barracão, Ampére, Itapejara do Oeste, Pérola do Oeste, Planalto, Realeza, Santo Antonio do Sudoeste e São João.

Ainda de acordo com Wachowicz (1987), os principais municípios de origem dos migrantes são os seguintes: a) Santa Catarina: Concórdia, Joaçaba, Chapecó, Campos Novos, Caçador, Orleans, Videira, Bom Retiro, Lages e Araranguá; b) Rio Grande do Sul: Erechim, Soledade, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Palmeira das Missões, Três Passos, Tenente Portela, Marcelino Ramos, Irai e Sarandi.

De acordo com Alves et al (2004), neste processo de conflitos e apropriação no Sudoeste, os migrantes gaúchos e catarinenses produziram o território a partir de suas atividades cotidianas, centradas na policultura de subsistência e no trabalho familiar. Houve também ações culturais e políticas, mas o trabalho sempre teve uma centralidade fundamental na vida destas pessoas que instituíram a propriedade privada familiar da terra, reproduzindo características da forma de vida que seus ancestrais trouxeram da Europa, principalmente da Alemanha, Itália e Polônia, as quais são expressivamente visíveis no município de Pato Branco.

### **Migração polonesa para Pato Branco**

Para iniciar o processo de pesquisa sobre a migração dos descendentes poloneses em Pato Branco, como destacamos anteriormente, optamos pela metodologia adotada por Roche (1969) e Wachowicz (1987), ou seja, fizemos um levantamento no arquivo da Igreja

da Paróquia São Pedro (Pato Branco) – registro dos casamentos, identificando a etnia e o local de nascimento dos descendentes de poloneses através da grafia do sobrenome. Isso significa que, os dados que apresentamos, são uma aproximação das quantidades de migrantes por ano e triênio. A partir do número de casamentos, foi possível perceber o aumento ou diminuição da migração em cada período para Pato Branco.

**Tabela n.1. Número de descendentes poloneses que casaram em Pato Branco por triênio.**

Estados	1944/46	1947/79	1950/52	1953/55	1956/58	1959/61	1962/64	1965/67	1968/70
RS	34	57	71	66	53	69	41	27	20
SC	12	35	33	45	31	31	18	11	15
PR	15	29	36	49	31	26	21	20	42
Outros	2	7	8	4	10	10	7	6	2
Total	63	128	148	164	125	136	87	64	79

Fonte: Livros de Registro dos Casamentos – Paróquia São Pedro – Pato Branco.

Analisando a tabela podemos verificar que entre os anos de 1944/46 a 1947/49, ou seja, num período de cinco anos, a quantidade de gaúchos descendentes de poloneses que casaram em Pato Branco aumentou 68%. Tanto no triênio 1944/46 e no 1947/49, os gaúchos foram predominantes, respectivamente, com 54% e 44% do total de indivíduos casados. Já entre o triênio 1947/49 e 1950/52, o número de pessoas que casaram aumentou cerca de 25%, diminuindo um pouco, a seguir, entre 1950/52 e 1953/55, aproximadamente 7% e, diminuindo novamente, entre 1953/55 e 1956/58, cerca de 20%. Nesse período, ou seja, entre 1950 e 1958, os gaúchos, apesar de diminuírem proporcionalmente, continuam predominando correspondendo a, respectivamente, 48%, 40% e 42%. Isso nos revela um sinal claro da intensidade da migração de descendentes de poloneses provenientes do Rio Grande do Sul a partir do início da década de 1940, o que ocorre com os catarinenses, da mesma etnia, a partir de 1947. O número de pessoas gaúchas descendentes de poloneses que casaram em Pato Branco teve certa regularidade entre 1944 e 1958.

A quantidade de indivíduos catarinenses da mesma etnia, entre 1944/46 e 1947/49, teve um aumento intenso, atingindo 191%, justamente porque no primeiro triênio haviam casado apenas 12 pessoas descendentes de poloneses em Pato Branco. Já no triênio seguinte, entre 1947/49 e 1950/52, o número de pessoas diminuiu 6%, aumentando novamente, 36%, entre 1950/52 e 1953/55 e, depois, diminuindo outra vez, de 1953/55 para 1956/58, 31%, caracterizando um movimento com oscilações no número de catarinenses casados no período estudado o que, provavelmente, teve ligação direta com a irregularidade da migração catarinense para o Sudoeste do Paraná.

Já os nascidos no Paraná e casados em Pato Branco, entre os triênios de 1944/46 e 1953/55, tiveram um aumento constante na quantidade, processo normal diante da instalação e formação das famílias em Pato Branco: os recém-nascidos, filhos dos migrantes, eram registrados como nascidos no município. Isso também revela que vários migrantes e colonizadores vieram de outros locais do Paraná, conforme identificamos nos livros de registros. De maneira geral, aumenta constantemente o número de migrantes descendentes de poloneses envolvidos nos casamentos em Pato Branco, entre 1944/46 e 1953/55. Os anos com maior quantidade de pessoas que casaram dessa etnia são os seguintes: 1947, 1951, 1952, 1953 e 1960.

No período de 1956/58 a 1959/61, teve um aumento de 21% na quantidade de gaúchos descendentes de poloneses que casaram em Pato Branco, já Santa Catarina diminuiu 8%, a mesma coisa aconteceu com os que nasceram no Estado do Paraná diminuindo 24% na análise de registros dos que casaram na Paróquia São Pedro. Em relação às pessoas que vieram dos outros Estados e casaram no município teve uma diminuição de 12%.

A partir do período de 1959/61 a 1962/64, 7% dos registros de casamentos dos descendentes de poloneses que vieram do Rio Grande do Sul diminuíram. Santa Catarina também teve uma pequena diminuição de 9% e apenas o Estado do Paraná teve um aumento de 26% nos registros. Em relação aos outros Estados aumentou 14% o número de pessoas que casaram em Pato Branco.

Entre os anos de 1962/64 a 1965/67 o Estado do Rio Grande do Sul continuou a diminuir mais 8%, já Santa Catarina teve um aumento de 47% e os registros dos que casaram nesse período nascidos no Paraná diminuiu 29% nesse período.

De 1965/67 para 1968/70 teve uma significativa diminuição do Estado do Rio Grande do Sul de 42%, ao contrário de Santa Catarina que teve um grande aumento de registro de casamento de 71% em relação ao triênio anterior, no Paraná aumentou 12% nesse período.

Dessa forma pode-se observar que a migração do Estado do Rio Grande do Sul para Pato Branco passou a diminuir de forma significativa a partir de 1961, juntamente com Santa Catarina que oscilou bastante anteriormente a esse período passou a diminuir, ao contrário dos nascidos no Paraná, que passaram a ser predominantes a partir desse mesmo período, chegando a ter mais de 100% nos registros de casamentos do cartório.

Através da coleta de dados pode se concluir que o Estado do Rio Grande do Sul, entre 1940 a 1970, se destacou na migração dos descendentes de poloneses para Pato Branco, os municípios gaúchos que tiveram o maior número de emigrantes, são os seguintes: Erechim (134 pessoas), Getúlio Vargas (34), Passo Fundo (20), Lagoa Vermelha (14), Severiano de Almeida (12) e Campo Novo (10). Os municípios catarinenses: Canoinhas (39), Porto União (25), Órleans (21), Itaiópolis (20), Marcelino Ramos (14) e Florianópolis (8). Os municípios paranaenses que se destacaram foram: Pato Branco (86 pessoas), Malet (21), Cruz Machado (19), Palmas (18) e Paulo Frontin (15).

### **Importância das representações cartográficas**

Após realizarmos a sistematização e tratamento estatístico dos dados coletados na Paróquia São Pedro de Pato Branco, identificamos a notória carência de um documento cartográfico que nos proporcionasse a visualização espacial da origem e a proporção de migrantes gaúchos para o município, por isso, nos propusemos a elaborar um mapa sobre a temática, realizando primeiramente um estudo teórico sobre a cartografia e a importância dos mapas temáticos.

De acordo com Loch (2006) a comunicação entre os seres humanos permite que sejam compartilhadas idéias, emoções, informações e habilidades, através do uso de palavras, gráficos, imagens, figuras, gestos e a invenção de códigos gráficos, que facilitam a comunicação do conhecimento.

Desde o início de sua existência, o homem sempre procurou representar através de símbolos suas relações sociais. São do tempo das populações nômades os desenhos e inscrições rupestres. Segundo Duarte apud Carrijo; Saquet (2005) os primeiros mapas que se tem registro foram confeccionados pelos babilônios entre 2.500 e 4.500 a.C.



A Revolução Industrial no fim do século XIX proporciona crescente busca e avaliação da movimentação dos homens e mercadorias. Esse contexto motiva a emancipação de representações dinâmicas da cartografia temática, abordando nos mapas o dinamismo espacial e temporal dos fenômenos. Segundo Loch (2006) esses fatos comprovam que a construção de mapas e gráficos ocorreu paralela à evolução das idéias e da tecnologia.

Os mapas fornecem uma estrutura para guardar e mostrar o conhecimento. Mapa e mapeamento “geralmente significam uma forma de levantamento de dados e de apresentá-los, ou ainda um instrumento facilitador para compreensão da estrutura de um fenômeno qualquer, que pode ou não ser geográfico” (LOCH, 2006, p.32). Entende-se o mapa como representações da realidade, vista de maneira subjetiva, podendo representar o passado, o futuro desconhecido ou imaginado, considerando fatos e ficção, científico e arte.

Os mapas, gráficos, diagramas e esboços são amplamente utilizados na Geografia e outras áreas, pois, proporcionam melhor visualização da distribuição dos fenômenos no espaço geográfico. A forma de representação não precisa ser somente o mapa, pode ser uma lista de palavras organizadas sistematicamente ou um esquema gráfico de algum fluxo.

O objetivo da cartografia consiste na representação da superfície terrestre ou parte dela, de forma gráfica e bidimensional, que recebe o nome de mapa ou carta. De acordo com Martinelli (2003) a função da cartografia temática consiste em registrar, tratar dados e comunicar informações levantadas, e seu propósito é ressaltar as relações de diversidade, e proporcionalidade. A cartografia pode ligar a análise, a visualização e a comunicação dos dados, por isso tem significativa importância na espacialização dos fenômenos representados. Sendo assim, o mapa, produto da cartografia, pode ser considerado como um Sistema de Informação Espacial.

Conforme Martinelli (2003) os mapas precisam responder a questões como: “Onde fica?”, “Por quê?”, “Quando?”, “Por quem?”, “Para que finalidade?” e “Para quem?”. A elaboração de mapas temáticos requer o conhecimento da questão em que se quer representar. É preciso definir o tema, objeto de representação que leva em conta aspectos diretos, contato do pesquisador com a própria realidade, ou indiretos, exploração de documentação, armazenamento automatizado, e dados, pois quando é lido o mapa, faz com que as pessoas consigam pensar sobre espaços que não conhecem.

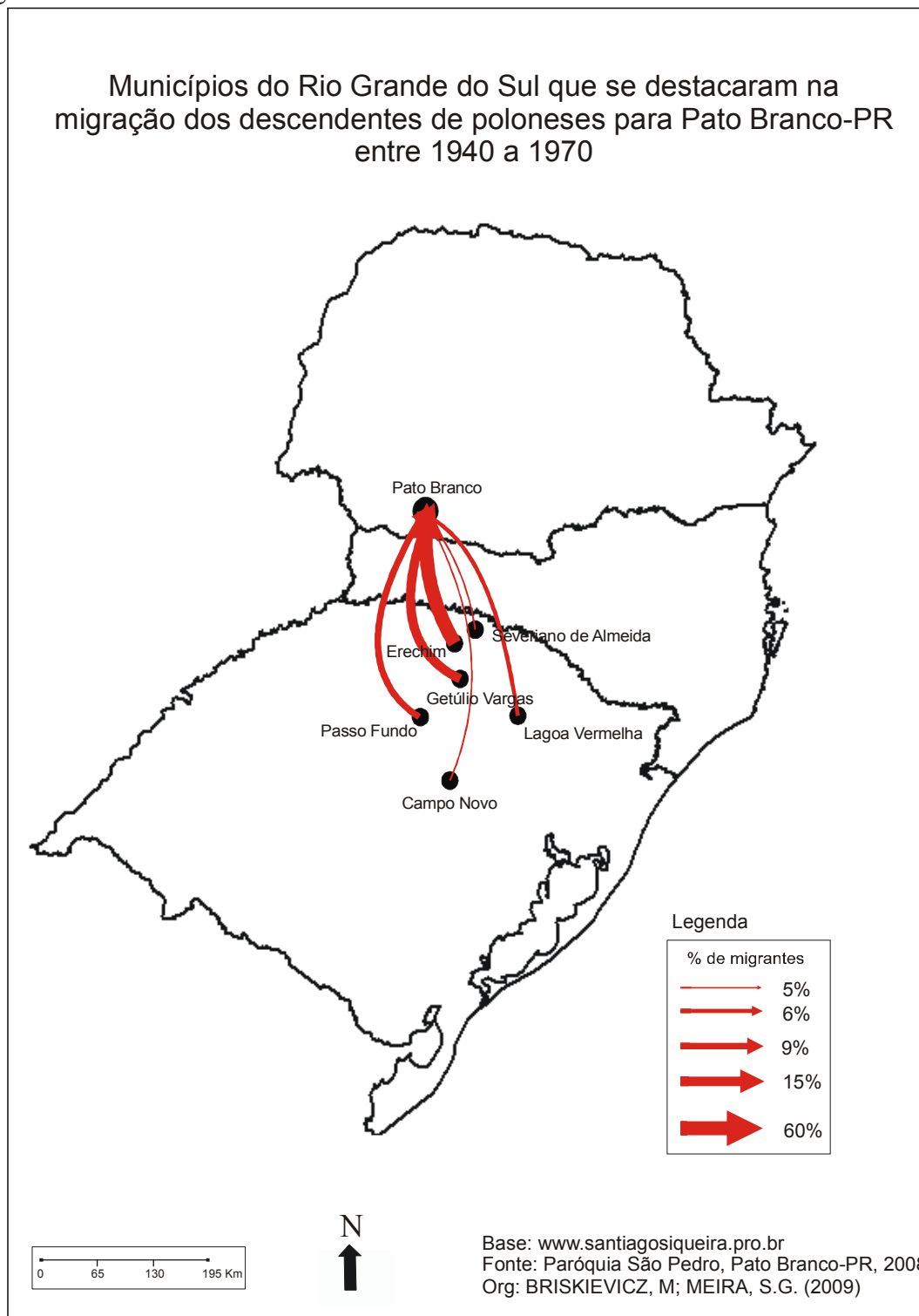
Os mapas temáticos podem ser construídos, através dos métodos para representação qualitativa, quantitativa, dinâmica e ordenada. O mapa que representa a migração de gaúchos descendentes de poloneses para o município de Pato Branco foi elaborado através da representação dinâmica.

Conforme Martinelli (2003) nas representações dinâmicas, usa-se o método dos fluxos, que mostra o deslocamento dos fenômenos, materializando sua intensidade, direção e sentido. Para elaborarmos um mapa de fluxo, necessitamos de uma base cartográfica, os dados das quantidades deslocadas com identificação dos pontos de chegada, partida e percurso, e os pontos em que os dados foram coletados. O mapa resulta em uma articulação de flechas com roteiros estipulados.

A intensidade dos fenômenos é transcrita pela espessura da flecha, o sentido é dado pela indicação origem – destino, quando os fluxos computam nos dois sentidos, são representados por faixas sem ponta. Esse dinamismo pode ser percebido no tempo, pelas variações quantitativas, ou transformações dos estados de um fenômeno que ocorrem no tempo, para um mesmo lugar, e é percebido no espaço, manifestando-se através de

movimento, deslocando os elementos através de um percurso, com sentido e direção, empregando tempo, não há como dissociar o tempo do espaço.

No mapa podemos observar a intensidade, a origem e o destino das famílias migrantes.



Observando o mapa, fica evidente que a maioria dos migrantes gaúchos descendentes de poloneses que se instalaram no município de Pato Branco-PR a partir de 1940 a 1970, são procedentes de Erechim-RS, ou seja, 60%, a flecha com maior espessura demonstra essa ocorrência. Em seguida, destaca-se o município de Getúlio Vargas-RS, com 15% das migrações, Passo Fundo-RS representa 9% das pessoas que vieram para Pato Branco, Lagoa Vermelha-RS é originária de 6% do fluxo migratório, os municípios de Severiano de Almeida-RS e Campo Novo-RS contribuíram apenas com 5% na procedência dos migrantes dessa mesma etnia.

Segundo Roche (1969), a colônia Erechim foi a mais desenvolvida no Estado do Rio Grande do Sul. Em 1950, constituía um dos municípios rurais com maior densidade populacional, mesmo com os desmembramentos territoriais de Getúlio Vargas em 1934 e Marcelino Ramos em 1943, sendo considerado um exemplo de grande impulso demográfico que ocorreu com a colonização. Isso nos leva a compreender que a expressiva densidade populacional foi um dos motivos que impulsionou a migração.

### **Considerações finais**

Migração é o movimento da população pelo espaço através das transformações econômicas, políticas e sociais que ocorrem em diferentes lugares, podendo causar conseqüência demográfica das transformações econômicas, mas também podem contribuir para o aceleração desses processos de mudanças. A migração ocorre desde os tempos primitivos e vem sendo renovado constantemente.

As imigrações de alemães, italianos e poloneses para o Brasil, se intensificaram a partir do século XX, através da participação do poder público, com a preocupação em criar condições para as transformações nas formas de ocupação e aproveitamento econômico de determinados lugares, desenvolvendo novas atividades econômicas e ampliando as possibilidades de acumulação de capital, contribuindo para o crescimento da população até a década de 20 do século XIX.

A partir de 1930, o Brasil não tinha mais interesse na política de imigração, ocorrendo expressivo aumento das migrações internas nesse período, pela necessidade de uma redistribuição territorial da força de trabalho, atingindo seu auge na década de 1950. Este processo ocorreu também no Sudoeste do Paraná e no município de Pato Branco, houve significativa migração de gaúchos descendentes de poloneses para a região, pois havia um grande vazio demográfico e políticas que incentivaram as famílias a migrarem para melhorar suas condições de vida. Com a elaboração do mapa temático, mostrando a intensidade, a origem e o destino dessas famílias que se instalaram no município, a partir de 1940 a 1970, foi possível realizar a análise e interpretação espacial desse fluxo migratório.

A agricultura dos gaúchos descendentes de poloneses teve um caráter pioneiro, recuaram florestas e esgotaram os solos, obrigando os colonos das gerações seguintes procurar novas terras e mais recentemente os centros urbanos para viver. O que motivou a ocorrência dessas migrações internas foi à diminuição da renda nas propriedades e o excesso de habitantes que abandonaram essas áreas do Rio Grande do Sul, ou seja, o esgotamento das terras e o crescimento da população fizeram com que as famílias fossem a procura de terras férteis e abundantes, características encontradas no Sudoeste do Paraná.

## Referências

- ALVES, Adilson et al. Sudoeste paranaense: colonização, estrutura fundiária e indicadores da *modernização* agrícola. In: RIBAS, Alexandre; SPOSITO, Eliseu; SAQUET, Marcos. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão/PR: UNIOESTE., 2004, p.149-170.
- LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense**. Curitiba: SECE / BPP, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Paraná: Terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão: GRAFIT, 2003.
- LOCH, Ruth E. Nogueira. **Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais**. Florianópolis. Editora da UFSC, 2006.
- MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. São Paulo. Editora Contexto, 2003, 112p.
- MARTINELLI, Marcello. **Gráficos e Mapas: Construa-os você mesmo**. Moderna: São Paulo, 1998.
- NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações**. Curitiba: SEED, 2001.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1994, p. 5-59.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.29-61.
- WACHOWICZ, Ruy Christovan. **Paraná, Sudoeste: Ocupação e colonização**. Curitiba: Vicentina, 1987.
- Livro de Registros de casamentos (1944-1970)**, da Paróquia São Pedro de Pato Branco-PR.